

## 7. Clara *saiu* para estar com Ele

### 7.1. O “*não-lugar*”

Santa Clara não saiu de casa para ir a algum lugar determinado: ela saiu para estar com o Esposo. Na noite de um Domingo de Ramos, abandonou sua casa. Na Porciúncula, foi consagrada pelo corte dos cabelos. Nem dormiu lá: esteve uma semana em um mosteiro de beneditinas. Mas também não ficou lá. Esteve uns poucos meses em Santo Ângelo de Panço, com um grupo de leigas, que também estavam na busca de Deus. Passou o resto da vida – quarenta anos – em São Damião. Mas nunca achou que fosse lá a sua morada permanente. Era “peregrina e forasteira”. Queria apenas estar com o Esposo, onde Ele estivesse, enquanto Ele estivesse. Mais tarde, ela escreveria:

“As Irmãs não se apropriem de nada, nem casa, nem lugar, nem coisa alguma. E como *peregrinas e forasteiras* neste mundo, servindo ao Senhor na pobreza e na humildade... (RSC 8, 1-2).

Quando São Francisco foi levado para o meio dos leprosos e teve a experiência de “usar de misericórdia” com eles, disse que, depois, se demorou pouco e “saiu do século”. Encontrar-se com Deus, viver a *mise-ricórdia*, que é a *Hesed hahamin* (o Amor que é próprio de Deus, na Bíblia), levou-o a “sair do século”. Que quer dizer isso?

Para nós, hoje, a palavra século significa um período de cem anos. Na língua latina *saeculum* referia-se ao tempo que os gregos chamavam de Crónos = o tempo que pode ser medido. Nossos cronômetros e cronologias marcam as horas, os dias, as semanas, os meses, os anos... A ele se opunha a palavra grega *Aión*, com uma versão latina que era *Aevum*, um tempo que não se mede, sem começo nem fim. Em grego, a palavra *Aión* é parente de *Aéi*, o Sempre.

Quando São Francisco disse que “saiu do século” quis significar que a experiência de Deus o levava a sair do tempo dos homens e passar para o tempo de Deus. Sair do tempo cronológico e passar para o Sempre.

É interessante que os anacoretas e monges antigos tinham cunhado a expressão “fuga do mundo”, para expressar sua entrada na vida religiosa. São Francisco – em um novo estilo de vida religiosa –, não fugiu do mundo dos homens para uma abadia em algum lugar afastado, nem para uma ermida: ele ficou em Assis. Mas ficou em Assis de outro jeito: já não era mais um homem movido pelos sonhos dos seus contemporâneos e concidadãos: queria ser um “peregrino e forasteiro”, um cidadão do céu. Não tinha nesta terra morada permanente; sua casa era a Jerusalém do alto, a definitiva. Ele era um homem que vivia a comunhão com o Deus Esposo e que queria fazê-lo presente no mundo que não permanece, que passa.

Mas ele não podia sair do tempo dos homens sem sair do lugar dos homens. Ficou em Assis e na Itália do século XIII, mas, na realidade, era um homem do “não-tempo” e do “não-lugar”, quer dizer: do tempo e do lugar de Deus. E aprendeu a viver outro tipo de tempo, que a Bíblia ensina e que era conhecido na cultura grega: o Kairós. Diferentemente do Crónos, que vai contando o tempo que passa, o Kairós é aquele tempo fugidio, que passa em um momento e não permanece; é um encontro oportuno e único entre o tempo de Deus e o tempo dos homens.

Santo Tomás More, um franciscano secular, deve ter entendido isso quando criou a palavra *Utopia*. Formada com o grego “u” (= não) e “topos” (= lugar) é uma palavra que quer dizer exatamente “não-lugar”. Quem descobre Deus vê que não tem lugar no “mundo dos homens”, tendo sido enviado como Jesus e com Jesus para estar nesse lugar. Descobre-se em um não-lugar. Para sermos completos, descobre-se também no tempo de Deus ou, diante das outras pessoas, em um “não-tempo”. Não está mais no lugar e no tempo em que os homens que se esqueceram de Deus estão cons-truindo o seu próprio mundo.

Tomás More não era um alienado. A *Utopia*, nome do livro que ele escreveu – e uma palavra tão usada até hoje – não era algo impossível, como muita gente parece pensar. Era um sonho possível: ele deu o nome de Utopia a um país longínquo, para mostrar que a Inglaterra do seu tempo, cheia de problemas, podia ser reconstruída com princípios diferentes. E quem estuda o

livro Utopia e conhece melhor Tomás More percebe como ele se apoiou no “saí do século” de São Francisco.

A santidade sempre comporta uma “*fuga mundi*” mesmo quando o indivíduo – por ter desposado Deus em Jesus Cristo – não sai do meio das outras pessoas, como aconteceu com Francisco de Assis. Mas também os que entraram no “não-lugar” e no “não-tempo” abriram o espaço interior para Deus, acolheram o Deus que é Liberdade e que é Amor, começaram a enxergar o mundo com os olhos de Deus e, como Jesus Cristo, são envia-dos de novo ao mundo de todos os homens e mulheres. Não para se identificarem com ele: para o transformarem. “Estão no mundo sem ser do mundo”.

Talvez seja mais compreensível, hoje, não falar em “fuga”, mas em mudança de perspectiva. No “lugar”, amar é possuir ou é responder a uma necessidade; no “não-lugar” ama-se a partir de Deus, depois de ter acolhido Deus no espaço interior. Aliás, o “não-lugar” é o jeito de criar o “espaço de Deus dentro do coração”. É uma outra perspectiva para o amor. A pessoa é acolhida como parte da presença de Deus e recebe o nosso amor no mesmo ato em que estamos amando a Deus. Para um amor verdadeiro, é preciso estar no “não-lugar” e no “não-tempo” de Deus.

Quando conheceu Jesus Cristo através de São Francisco, Clara teve consciência nítida de que não tinha mesmo lugar no mundo de seus parentes e de sua cidade. Digo consciência nítida, porque ela já conhecia Jesus Cristo numa intimidade muito grande e, desde criança, já estava dando demonstrações de que era uma pessoa “diferente”. Na medida em que foi passando para Jesus Cristo, foi ficando em um “não-lugar”. Sim, porque não se tratava simplesmente de mudar de lugar: todos os lugares conhecidos eram “lugares dos homens”, não eram o “lugar de Deus”. Havia até presença de Deus no mundo dos homens, mas o “lugar de Deus” parecia mesmo ser outra coisa.

A saída da casa paterna teve para Clara um alto valor simbólico: foi o momento em que deixou o lugar que não era dela e começou a viver de fato no “não-lugar” de Deus. São Paulo das Abadessas, Santo Ângelo de Panço, São Damião... nenhum desses lugares era importante em si mesmo. Eles eram apenas tentativas de mostrar para Deus, para si mesma e para todas as pessoas que ela estava saindo do lugar de todo mundo. Nem o mosteiro e nem mesmo o grupo de Irmãs foram para ela um “lugar” em que podia estar no mundo. Foram o “não-lugar” de Deus. O que não a impediu, pelo contrário, levou-a a ser uma amiga da sua cidade.

O “não-lugar” dela não foi exatamente São Damião, mas o mundo da contemplação de Jesus Cristo. São Damião, como as outras casas das Irmãs Pobres era um abrigo simbólico, como já tinha sido o deserto para os eremitas, como já tinha sido o mosteiro para os monges. A única coisa importante era que, ao atravessar a porta daquela casa, uma mulher vivia o sacramento de estar saindo de todos os lugares para entrar no “não-lugar” de Deus. É provável que Francisco, que também se sentira “sem-lugar” quando se desvaneceram seus sonhos de riqueza e glória e quando conviveu com os leprosos, também tenha tido a primeira experiência concreta de “entrar” no não-lugar de Deus ao passar a porta de São Damião e dar de cara com aquele Crucificado.

## 7.2. Uma situação liminar

Já ouvimos, muitas vezes, falar de “ritos de passagem”. São as celebrações que se fazem, por exemplo: para comemorar os quinze anos de uma garota, a coroação de um rei... Chá de cozinha e despedida de solteiro são ritos de passagem. Qualquer festa de aniversário é um rito de passagem. São comemorações em que festejamos uma mudança de situação na vida de uma pessoa.

Ora, por trás de todo rito de passagem, há uma *situação liminar*. Vale a pena refletir sobre isso. E vai nos ajudar e pensar no que seja um “não-lugar”, ou um “não-tempo”.

“Liminar” é um adjetivo da palavra limiar. Limiar é aquela linha que separa o fora do dentro nas portas. E nós vivemos passando por portas.

Considere uma casa, com a sua porta: nós podemos estar dentro da casa, fora da casa, ou passando pela porta. Podemos ficar lá dentro, podemos ficar lá fora. Mas porta não é lugar de ficar, é lugar de passar.

Vamos pensar em um exemplo: o casamento. A pessoa pode estar fora e ser solteira; pode estar dentro e ser casada. Também pode estar na linha da porta: é noiva. Ser solteira ou casada são situações permanentes; ser noiva é uma situação transitória, liminar.

Outro exemplo: uma jovem quis ser religiosa e foi acolhida no “noviciado”. A família pode até dizer: “Minha filha ficou freira”, mas as religiosas vão dizer: “Não, ela só vai ser freira quando professar no fim do noviciado”. De fato, ela não é mais uma pessoa “leiga” e ainda não é uma pessoa consagrada, “religiosa”. De certa forma, é uma pessoa “pendurada no ar”. Está em uma situação liminar.

Clara, como Francisco, teve uma compreensão bem aguda dessa situação. Foi por isso que os dois citaram a expressão de São Pedro: “peregrinos e forasteiros”. Eles não tinham nesta terra sua habitação permanente: eram cidadãos do céu, mesmo que ainda não houvessem chegado lá.

Nos ritos mais significativos de passagem costuma-se usar roupas especiais: roupa de noiva, roupa de rei, roupa de bispo. Servem para simbolizar o seguinte: na situação liminar, a pessoa despe a roupa da vida anterior, do lado de fora, para vestir a roupa da vida nova, do lado de dentro. Há um momento em que é extremamente frágil, porque está sem nenhuma roupa. É uma situação de extrema pobreza, representada pela nudez.

Quem está no não-lugar, deixou de estar no lugar dos homens e ainda não se situou totalmente no lugar de Deus. É um “peregrino e forasteiro”, caminha por este mundo “sem bolsa nem calçado”... suspira por chegar à sua casa definitiva, mas tem que se soltar totalmente nas mãos de Deus.

### 7.3. Companhia no “Não-Lugar”

Clara teve companheiras porque “Deus lhe deu Irmãs” como tinha feito com Francisco. Aliás, uma das primeiras revelações do não-lugar simbolizado em São Damiano fora justamente essa: Deus queria encher aquele “não-lugar” de mulheres que renovariam a Igreja e o mundo. Outras mulheres também quiseram estar com Jesus Cristo mesmo perdendo o seu lugar neste mundo.

É verdade que, com o tempo, também entraram pessoas que simplesmente queriam estar ao abrigo de um mundo que lhes parecia difícil ou hostil, sem nunca vir a ter consciência de que o importante era sair para o “não-lugar”.

Clara lutou com todas as forças para manter-se no não-lugar de Deus. Por isso, com ajuda de Francisco, criou um eremitério ou espaço de recolhimento em São Damiano. Quando lhe deu uma “forma de vida” – que, aliás, foi crescendo com a experiência – quis deixar concreto como é que se vivia no “não-lugar”. Creio que é nessa perspectiva que devemos entender tudo que ela escreveu. Era a perspectiva da “Forma de Vida” dada por Francisco em 1212, tão igual a sua “Antífona de Nossa Senhora”: o lugar deles era a Trindade, o tempo deles era a Trindade<sup>1</sup>.

Creio que o cardeal Hugolino pode ser considerado um amigo apesar de também ter sido um dos que não conseguiram entender o “não-lugar” de Deus, mesmo compreendendo muitas das propostas de Francisco e Clara. Talvez tenha até querido ajudar sinceramente quando protegeu o seu “não-lugar” com uma clausura no estilo que ele entendia. Era o que cabia em sua cabeça de homem do mundo (o mundo eclesiástico, inserido no mundo social e político dos homens, era decididamente um lugar dos homens).

### 7.4. Orar no “Não-lugar”

Viver a contemplação de Jesus é viver sem cessar no não-lugar. Mas as pessoas que olham com olhos materiais entendem a contemplação como mais um tipo de oração (ou de reza): como espaços de tempo ou de lugar destinados à oração. Tentam determinar e cercar esses espaços porque não vêem outro jeito de distinguir o “não-lugar” do “lugar”.

---

<sup>1</sup> Nos escritos de Clara podemos perceber como ela foi vivendo cada vez mais no não-lugar e no não tempo de Deus. Para dar um exemplo, estou colocando algumas citações de Clara no fim deste capítulo. Faço isso para que a reflexão sobre o nosso tema possa ser ágil.

Mas a pessoa que sai para o “não-lugar” está apenas saindo para Deus. Deixa o “século” como um lugar do mundo construído pelos homens que não tem lugar para Deus. Mas não vai para outro planeta. Por isso, mesmo vivendo no mundo de Deus (o “não-lugar”), continua a estar no mundo dos homens que perderam a liberdade (por não estar caminhando decididamente para Deus), ainda que nunca o considere esse o “seu lugar”.

Enxergar com os “olhos do espírito” é ver as coisas a partir do “não-lugar” deste mundo ou, em outras palavras, a partir do lugar de Deus. Foi nessa perspectiva de um “não-lugar” para as outras pessoas, mas de um verdadeiro “lugar” de Deus, que Francisco enxergou diferentemente os sarracenos, os pobres, os ladrões, o lobo de Gúbio.

Vamos ver alguns exemplos de como, mesmo sem tomar Deus em con-sideração, muitas vezes nós nos sentimos fora do lugar. Quando chegamos a um país estrangeiro, olhamos tudo com um olhar diferente, enxergamos de uma forma que não é a das pessoas que já nasceram e sempre viveram lá: tudo nos parece estranho, mas os outros nem desconfiam que no meio deles está alguém que vê tudo diferente. Não sou dali, aquele não é o meu lugar. Estou em um “não-lugar”. Outro exemplo acontece quando nos vemos em um ambiente de trabalho ou de vida que nos faz sentir como “um peixe fora da água”. Naturalmente, esses exemplos são pálidas alusões: estar no não lugar de Deus é incomparável.

Francisco e Clara usam a expressão “peregrinos e forasteiros” (cf 1Pd 2,11) justamente para falar no “não-lugar”. Por isso não se deve estranhar que Clara, que nunca saiu de São Damiano, também se considere uma “peregrina e forasteira”: ela é do lugar de Deus e por isso está sempre no “não-lugar” enquanto vive no mundo dos homens.

O aspecto fundamental da itinerância – um ponto chave da espiritualidade franciscana – não é exatamente ficar mudando de lugar, mas viver em qualquer lugar sabendo que lugar nenhum é o meu, porque o meu lugar é o lugar de Deus.

Talvez se possa pensar alguma coisa semelhante quanto aos tempos de oração. Não é questão de eu ter um tempo cortado do tempo dos homens para me entregar a Deus, ainda que isso possa constituir um bom “exercício”. O contemplativo é uma pessoa que vive sempre “no tempo de Deus”, de alguma forma vive o “aion” (o eterno, o tempo não medido) no meio do “crónos” (o tempo humano, que pode ser calculado). Talvez seja justamente por isso que consegue perceber alguns “kairói” especiais: momentos em que o tempo de Deus e o tempo dos homens coincidem e em que, por isso mesmo, a gente consegue fazer passagens do mundo de Deus para o dos homens.

A Eucaristia é o grande *kairós* do tempo de Deus no tempo dos homens. Evidentemente, só para quem vive o tempo de Deus e está fora do tempo dos homens, pelo menos de certa forma.

Essa “certa forma” quer dizer: Estou dentro do “tempo dos homens” porque nasci neste mundo e nele vou permanecer enquanto não chegar a minha morte. Também estou dentro do tempo dos homens porque convivo com eles e tento trazê-los para o tempo de Deus. Mas, enquanto a maioria vive o curto tempo que passa, eu já estou vivendo o eterno. Recordemos São João:

Não ameis o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo - a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o estilo de vida orgulhoso - não vem do Pai, mas sim do mundo. Ora, o mundo passa e também as suas concupiscências, mas quem faz a vontade de Deus permanece para sempre (1Jo 2,15-17). E este é o testemunho: Deus deu-nos a vida eterna, e esta vida está no seu Filho. Quem tem o Filho de Deus tem a vida; quem não tem o Filho também não tem a vida (1Jo 5,11-12).

## 7.5. O Reino do “Não-Lugar”

Quando veio anunciar o seu Reino, Jesus quis estabelecer dentro do lugar e do tempo dos homens uma situação nova em que todos pudessemos ir aprendendo a viver o lugar e o tempo de Deus. Ao pé da letra, uma “igreja” (do grego *ekklesia* = conjunto dos convocados para uma assem-bléia) seria um grupo de pessoas que aceitaram o convite de Jesus e pás-saram a constituir um lugar de Deus no meio dos homens. Os homens de fora podem não entender isso,

mas as pessoas que estão dentro só podem ser consideradas “chamadas” (de *kaléo*) se tiverem a consciência de viver em um “não-lugar” no meio do mundo. Construir o “Reino de Deus é isso”. E Jesus advertiu que o Reino de Deus está *entre nós* ou *dentro de nós*, sem se apresentar com fanfarras.

Nessa perspectiva, como poderemos falar em “não-lugar” de Deus, em “não-tempo” de Deus? Parece que os que nunca conseguiram entender nada disso só podem falar em aspectos pequenos, como “clausura”, “tempos fortes de oração” ou “horas de contemplação”. E não vão ser as nossas explicações que vão poder deixar essas coisas claras, porque isso não depende de compreensão, depende da graça.

Francisco e Clara se tornaram outros Cristos justamente por isso: entraram no “não-lugar” e no “não tempo” de Jesus Cristo. Para quem está no não-lugar e no não-tempo de Jesus Cristo, que valor têm as conquistas, as riquezas, as vantagens do mundo dos homens? São como areia, são menos do que pó. Eles gostavam de lembrar isso.

Os contemplativos não são pessoas que fogem do mundo. Verdadeiros “contemplativos”, quer vivam em mosteiros quer estejam no meio do mundo, são pessoas do “não-lugar” e do “não-tempo” que nos fazem viver desde já a eternidade e a liberdade de Deus.

## 7.6. Onde eu me encontro com a pessoa de Jesus

Na sua segunda Carta a Inês de Praga, Santa Clara a exorta a não perder de vista o seu ponto de partida: ela tinha deixado tudo para seguir Jesus Cristo e, por isso mesmo, devia abraçar o Cristo pobre como uma virgem pobre. O texto é muito bonito e diz:

“Lembre-se da sua decisão como uma segunda Raquel: não perca de vista seu ponto de partida, conserve o que você tem, faça o que está fazendo e não o deixe (cf. Ct 3,4), mas, em rápida corrida, com passo ligeiro e pé seguro, de modo que seus passos nem recolham a poeira, confiante e alegre, avance com cuidado pelo caminho da bem-aventurança... Se alguém lhe disser outra coisa, ou sugerir algo diferente, que impeça a sua perfeição ou parecer contrário ao chamado de Deus, mesmo que mereça sua veneração, não siga o seu conselho. Abraça o Cristo pobre como uma virgem pobre” (2CtIn 11-13,17-18).

## 7.7. Algumas considerações

A proposta que estamos fazendo neste capítulo pode ser bastante surpreendente e nova para muitas pessoas. Como é ampla, e o nosso espaço é restrito, coloco mais alguns pontos soltos para serem considerados.

1. “Os que fazem penitência”, a que São Francisco se refere na *Carta aos Fiéis*, são os que passam para o lugar e o tempo de Deus. Da mesma forma, “os que não fazem penitência” são os que constroem castelos na areia do mundo dos homens.

2. O “não-lugar” de Deus é o mundo da interioridade. Somos levados a nos afirmar natural ou culturalmente no mundo exterior, que é o “mundo dos homens”. Mas quando conseguimos entrar no mundo interior, perdemos o pé (ou o interesse) no mundo exterior. Quem perde o interesse pelo “mundo exterior” deixa de possuir, deixa de mandar, deixa de ser importante: sente-se feliz de ser pequeno e pobre. Continua nesse mundo, mas para prestar serviço.

3. Quem fica pobre (e se sente pequeno) abre espaços na interioridade. São os espaços de Deus. Então Deus entra com toda a sua liberdade e nos libera para o não-lugar. Daí nasce a oração interior, o olhar contemplativo, com os olhos do espírito, para o mundo exterior, do “lugar”. Como esse olhar parte da Liberdade, que é Deus, é o verdadeiro olhar de entrega. Daí nasce o verdadeiro Amor.

4. É um pequeno exemplo, mas talvez ajude a pensar: No meio do asfalto ou do concreto, que são construções do “mundo dos homens”, às vezes abre-se uma rachadura por onde brotam sementes que o vento levou – o mundo de Deus está continuamente misturando o não-lugar com o lugar, o não-tempo com o nosso tempo. Contemplar é saber perceber isso.

5. Quando experimenta a pobreza, a pequenez e a solidão interior do ser, o homem abre os olhos do espírito: volta-se para fora, retorna ao lugar e ao tempo “dos homens” para transformá-los em lugar e tempo de Deus. O mundo é transformado pela liberdade do amor.

Para finalizar, coloco algumas citações dos escritos de Clara em que se pode sentir sua consciência de estar no “não-lugar” e no “não-tempo” que nos colocam em Deus sem nos tirar do mundo dos homens.

... para recordar que ela também saiu do século:

TestC 8 – não só depois de nossa conversão mas também quando estávamos na miserável vaidade do século.

... para reforçar que Francisco saiu do século:

TestC 10 – estava construindo a igreja de São Damião, em que foi visitado plenamente pela graça divina, e foi impelido a abandonar totalmente o século,

... nenhum lugar era o seu lugar:

TestC 52 – Se em algum tempo acontecer que as Irmãs tenham que deixar este lugar para se estabelecer em outro, sejam obrigadas, em qualquer lugar em que estiverem depois da minha morte, a observar a referida forma de pobreza que prometemos a Deus e a nosso bem-aventurado pai Francisco.

... no itinerário, e o que importa é a situação definitiva

TestC 73 – Mas felizes são aqueles a quem foi dado *andar* por ele e *perseverar até o fim* (cfr. Sl 118,1; Mt 10,22).

TestC 74 – Tomemos cuidado, portanto, para que, se entramos pelo caminho do Senhor, de maneira alguma nos afastemos dele em algum tempo por nossa culpa e ignorância,

Inês passou para o tempo e o lugar de Deus

1CtIn 5-7 – Porque, embora pudésseis gozar, mais do que outros, das pompas e honras deste mundo, desposando legitimamente, com a maior glória, o ilustre imperador, como teria sido conveniente à vossa excelência e à dele, rejeitastes tudo isso e preferistes a santíssima pobreza e as privações corporais, com toda a alma e com todo o afeto do coração, tomando um esposo da mais nobre estirpe, o Senhor Jesus Cristo, que guardará vossa virgindade sempre imaculada e intacta.

Já começou a viver no *aion*

1CtIn 10 – Já estais tomada pelos abraços daquele que ornou vosso peito com pedras preciosas e colocou em vossas orelhas pérolas inestimáveis.

1CtIn 22 pois tivestes maior prazer no desprezo do século que nas honras, preferistes a pobreza às riquezas temporais e achastes melhor guardar tesouros no céu que na terra,

Só quando se chega a ser vazio se chega a ter lugar para Deus

1CtIn 25-16 – Creio firmemente que sabeis que *o reino dos céus* não é prometido e dado pelo Senhor senão *aos pobres* (cf. Mt 5,3), porque, quando se ama uma coisa temporal, perde-se o fruto da caridade. Sabeis que *não se pode servir a Deus e às riquezas*, porque *ou se ama a um e se odeia às outras*, ou *serve-se a Deus e desprezam-se as riquezas* (cfr. Mt 6,24).

1CtIn 28 – Sabeis que não dá para ser glorioso no mundo e lá reinar com Cristo, e que é mais fácil o *camelo passar pelo buraco da agulha* que o *rico* subir ao reino do céu (cf. Mat 19,24).

1CtIn 30 – Que troca maior e mais louvável: deixar as coisas temporais pelas eternas, merecer os bens celestes em vez dos terrestres, *receber cem* por um e *possuir a vida* (cf. Mt 19,29) feliz para sempre!

2CtIn 19 – Veja como por você ele se fez desprezível e o siga, sendo desprezível por ele neste mundo.

2CtIn 23 – Assim, em vez dos bens terrenos e transitórios, você vai ter parte na glória do reino celeste eternamente, para sempre, vai ter bens eternos em vez dos perecedores, e viverá pelos séculos dos séculos.

3CtIn 4 – Ouvi dizer e estou convencida de que você completa maravilhosamente o que falta em mim e nas outras Irmãs para seguir os passos de Jesus Cristo pobre e humilde.

3CtIn 15 Deixe de lado tudo que neste mundo falaz e perturbador prende seus cegos amantes e ame totalmente o que se entregou inteiro por seu amor,

O não-lugar de Deus cabe em qualquer lugar

3CtIn 18-19 – Prenda-se à sua dulcíssima Mãe, que gerou tal Filho que *os céus não podiam conter* (cf. 3Re 8,27), mas que ela recolheu no pequeno claustro do seu santo seio e carregou no seu regaço de menina.

O *aion* e a glória cabem em nós

3CtIn 20-22 – Quem não tem horror das insídias do inimigo do homem que, pela tentação de glórias passageiras e falazes, tenta aniquilar o que é maior do que o céu? Pois é claro que, pela graça de Deus, a mais digna das criaturas, a alma do homem fiel, é maior do que o céu. Pois os céus, com as outras criaturas, *não podem conter* (cf. 2Par 2,6; 3Rs 8,27) o Criador: só a alma fiel é sua mansão e sede.

3CtIn 23 – como diz a Verdade: *Quem me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei* (Jo 14,21), *e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada* (Jo 14,23).

Está sempre pensando no céu. Claro que os olhos dela são os olhos do espírito. Deus está nos santos e nos anjos...

4CtIn 8-11 – Pois, como Inês, a outra virgem santa, você desposou de modo maravilhoso o *Cordeiro imaculado* (1Pd 1,19) *que tira o pecado do mundo* (Jo 1,29), deixando todas as vaidades desta terra. Feliz, decerto, é você, que pode participar desse banquete sagrado para unir-se com todas as fibras do coração àquele cuja afeição apaixona, cuja contemplação restaura, cuja bondade nos sacia,...

Ela está correndo para o tempo, lugar e o abraço do encontro com o Infinito:

4 CtIn 31-32 – Vou correr sem desfalecer, até me introduzires na tua adega (Ct 2,4), 32 até que tua esquerda esteja sob a minha cabeça, sua direita me abrace (Ct 2,6) toda feliz, e me dê o beijo mais feliz de tua boca (Ct 1,1).

4CtIn 30 – *Arrasta-me atrás de ti! Corramos no odor dos teus bálsamos* (Ct 1,3), ó esposo celeste!

2CtIn 10-13 – Mas, como *uma só coisa é necessária* (Lc 10,42), é só isso que eu confirmo, exortando-a por amor daquele a quem você se entregou como *oferenda santa* (cfr. Rm 12,1) e agradável. Lembre-se da sua decisão como uma segunda Raquel: não perca de vista seu ponto de partida, conserve o que você tem, faça o que está fazendo e *não o deixe* (cfr. Ct 3,4) mas, em rápida corrida, com passo ligeiro e pé seguro, de modo que seus passos nem recolham a poeira, confiante e alegre, avance com cuidado pelo caminho da bem-aventurança.

O que importa é o não-tempo

CtEr 5 – Nossa fadiga aqui é breve, eterno é o prêmio. Não a iludam os rumores do mundo que passa como sombra.

Deixar as roupas seculares era sair do século

RSC 2,12 – Depois, cortados os cabelos em círculo e depostas as roupas seculares, dêem-lhe três túnicas e um manto.

Peregrinas e forasteiras, estão no não-tempo

RSC 8,1-2 – As Irmãs não se apropriem de nada, nem casa, nem lugar, nem coisa alguma. E como *peregrinas e forasteiras* (cf. Sl 38,13; 1Pd 2,11) neste mundo, servindo ao Senhor na pobreza e na humildade...

RSC 8,5-6 – Seja esta a vossa porção, que vos conduz à terra *dos vivos* (cf. Sl 141,6). Aderindo totalmente a ela, queridas Irmãs, nada mais queirais possuir em perpétuo abaixo do céu, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe.